

omp 2-2-3.300

Pagina da Academia Paulista de Letras

Dados bio-bibliographicos da Cadeira José Bonifacio - o Moço

Publicamos hoje as notas bio-biographicas da 7.a Cadeira da academia Paulista de Letras, patrocinada por José Bonifacio - o Moço e de que é fundador e titular José de Freitas Guimarães.

José Bonifacio - o Moço O FUNDADOR e TITULAR

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA O ESTUDO CRITICO

Arthur Motta

O PATRONO

JOSE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA - (José Bonifacio, o moço) nasceu em Bordoaux, durante o exilio paterno a 8 de novembro de 1827 e faleceu em S. Paulo a 26 de outubro de 1886.

Era filho de Martin Francisco Ribeiro de Andrada (Lo) e D. Gabriela Frederica de Andrada, portante, sobrinho e neto de José Bonifacio, o patriarca da Independência.

BIBLIOGRAPHIA - 1 - Rosas e goivos, poesias - 126 pags. S. Paulo, Typ. Liberal, 1848; 2 - Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis da Faculdade de Direito de São Paulo, no anno de 1858, S. Paulo 1858; 3 - Discursos parlamentares, publicados por João Corrêa de Moraes; 614 pags. - Rio, Typ. Molinari e Mont'Alverne - 1880, com retrato do orador; 4 - Poesias - com uma noticia biographica - 130 pags. Rio, Lammert e Cia.; 5 - Relatório apresentado á Assemblia Geral Legislativa, na 2.a sessão da 12.a legislatura, pelo Ministro do Imperio - 1864; 6 - Discurso, no debate da resposta á Fala do Throno - S. Paulo, 1885; 7 - Discurso na sessão de 11-8-1858, S. Paulo, 1858; 8 - Poesias, contidas na "Lyra Popular" da Livraria Quaresima; 9 - José Bonifacio (o velho e o moço) - Anthologia Brasileira - 238 pags. Paris-Lisboa, Livrarias Allaud e Bertrand - 1920; 10 - Annuaire da Camara dos Deputados (1861-1879) e Annuaire do Senado (1879-1886).

Encontram-se trabalhos seus em: "Ensaio Literario, do Athenaeo Paulistano" (S. Paulo, 1852-1857); nos "Ensaio Literario" (S. Paulo, 1859); "Lyra Popular" (fragmento); na "Revista Popular"; "Necessidade de uma academia agricola no Brasil", tomo 16.o pags. 290, 330 e seguintes; na "Biographia do Barão do Triunpho", por F. L. Homem de Mel-

lo (Rio, 1869); "O redivo", poesia; no "Monitor Catholico"; "A margem da corrente" (A. Castro Alves), anno 2.o, n. 53, de 1852; no "Almanach de S. Paulo"; "Luca" (trad. de A. Musset); "A palmeira" e uma traducção de V. Hugo pags. 123, 137 e 181 do anno de 1878, e nos almanachs dos annos seguintes como o de 1881, onde ha uma carta sobre Silveira da Motta, par. 200; em "Guacina" (revista litteraria) Rio de Janeiro 1850-51; em "Dez de Junho de 1888" (Sociedade de Socorros Mutuos Luiz de Camões); "A Camões", poesia; na "Revista da Academia Brasileira de Letras"; "A margem da corrente" e "Soneto", n. 18, pags. 23 e 120 e no n. 73, pag. 564. Encontram-se produções poeticas em: "Hayaba", 1853 (duas); "Legendas", 1859 (duas); "Diario do Povo", 1858; "Ipiranga" (1858-1860) duas; "República", 1872; "Correio Paulistano", 1875; "Provincia de S. Paulo", 1875; "Revista Brasileira", 1880. Por occasião de sua morte, em 1886, varios jornaes transcreveram poesias e fizeram-lhe o necrologio. "O Paiz" (duas) "Jornal do Commercio", "Gazeta de Noticias", "A Propaganda", do Juiz de Fora (duas). Na "Propaganda de S. Paulo", 1871 e "A Republica", 1871, tambem se encontram poesias, bem como nas "Harmonias Brasileiras", (1859) de Macedo Soares; nas "Primeiras trovas bucolicas de Getulio" (1859), de Luiz Gama; na "Lyrica Nacional" (Bibliotheca Brasileira) de Quintino Bocayuva; e em muitas auctas e anthologias.

Encontra-se o seu retrato em "Discursos parlamentares" e na "Lyra Popular". Dirigiu, de 1868 a 1869, o "Ipiranga", em São Paulo, e collaborou na "Tribuna Liberal", folha politica e litteraria, dirigida por H. M. Ingles de Souza.

A figura de José Bonifacio, o moço, é apreciavel sob variados aspectos. Uma face do seu talento omnimodo apresenta o poeta, em feições distinctas. Na contigua, de um lado, apparece o genio da palavra, para arrebatar auditorios em comicos ou nas assembleas parlamentares. Na que lhe fica adjacente, de outro lado, surge a figura austera do professor, para attestar a illustração dos discipulos que renderam homenagens ao mestre predilecto. E na face opposta se estampa o vulto do politico de prestigio, respeitavel pelo caracter impoluto e pelas attitudões nobres.

Contava 21 annos de idade, quando se revelou em "Rosas e goivos", sob o influxo dos primeiros romanticos daquem e dalém mar, como attestam a sua inspiração e os processos estheticos, no livro de estrea. Mostrou-se com a inquietação e o scepticismo de Musset e Delphine Gay (Mme. Girardin), em algumas produções, como "O esculptor-poeta", "Descença", "Ahasvero" e Herodia", "A morte prematura", "Os phantasmas", "Em que pensas?" e algumas outras.

Do contrario do que suppoz Sylvio Romero, por não conhecer "Rosas e goivos", José Bonifacio manifestou a influencia de Victor Hugo, antes de Tobias Barreto. Ahi está, para comprovar o acerto, as suas poesias "7 de Setembro", "A D. Pedro", "Deus", "O infante" e "Canto do Corsario". E no mesmo livro transparece a delicadeza do seu lyrismo, mais tarde apurada.

Dos romanticos francezes predominaram, como seus predilectos, Musset, Hugo e Gautier. Dos portuguezes salienta-se Garrett; mas elle lia Mendès Leal, Serpa Pimentel, Xavier Cordeiro, Castello Branco (João de Lenos) e Augusto de Lima. Dos poetas patrioticos eram seus favoritos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Mactiel Monteiro e Francisco Octaviano, parecendo que admirava Alvares Azevedo.

Auspiciosa foi a sua estrea, em 1848, contrariando as referencias que della fizeram os informantes do critico sergipano. Não perduraram no poeta as primeiras manifestações de descrença, de inquietude e certa dose de pessimismo, externadas em suas primeiras produções poeticas. Eram exteriorizações de caracter meramente litterario, do byronismo artificial, contrahido na vida academica. Esse contagio teve um efeito passageiro, porque só permaneceram em seu estro o frescor do lyrismo e a nota épica.

Mas o lyrismo de José Bonifacio cheio de ternura e de meiguice, pendia para a natureza objectiva, a reclamar olhares, sorrisos e beijos da mulher amada. Attrahiam-no o perfume de rosa de bocca mimosa, amplos estreltos e mãos apertadas, o calor terno dos contactos amorosos, a candura de um rosto nevado e a magia de um riso encantado. Da quadra feliz de sua infancia evocava os momentos em que as virgens o beijavam ou lhe davam abraços que tanto o alegavam. E volviam-lhe os desejos recalçados, com força expansiva, em anseios de se converterem em realidade. E recordava o seu primeiro amor, para confessar que della amava os lindos olhos, o pejo edenico, os sustos e sobresaltos quando lhe prendia as mãos miúdas mimosas, os puros labios de virgem e os beijos que lhe pedia em vão. E, proseguindo, confessava que della amou o rosto - espelho de candura - as tranças, os negros aneis dos seus cabelos, o sublime e divinal composto dos labios, do olhar, dos gestos, do rosto, de tudo o que era della.

Na segunda parte da melodia dos seus cantos de amor tornou-se obsidente o seu desejo, em quasi fetichismo amoroso, quando compoz o "Sonho", mostrou predilecção por "Um pé", tentou pintar-lhe "O retrato", disse o que sentiu "Lendo Anacreonte", até a confissão da conquista em "Não e Sim". E, como sempre acontece, depois ça posse, veio a renuncia, succedeu o arrependimento, conforme se deprende da leitura de "Teu Nome", e "Meu Testamento". Desenvolveu-se o enthusiasmo do poeta em outros temas, bafejados pelo sopro da epopeia, como em "Calabar", "Liberdade", e "No Corcovado". Então faz reviver os vultos e quadros da historia patria nas evocações "A Frei Francisco de Mont'Alverne", "A Rodrigues dos Santos", ao "Primus inter pares", a "O Redivo", "A margem da corrente", "Ao Conde de Porto Alegre", a "O corneta da Morte", "A Camões" e "A Theophilus Ottoni" (Nondum lucebat). Accentuou-se, nessa nova phase da sua obra poetica, o estylo descriptivo, quando realça as galas e conta as harmonias da Natureza. E apparece uma tentativa de es-

boçar typos e costumes da vida tural, com em "O tropeiro".

A sua feição de mais accentuado vigor é a do lyric, seja, embora, a do épico bastante apreciavel. A do sceptico, que não lhe era propria, esqueceu-a, na mocidade. Não passou de um tributo, por exigencia de um momento, quando ensaiava os primeiros cantos da sua lyra.

Sylvio Romero louva-lhe os versos que "revelam um talento, uma individualidade fóra, muito fóra do commum"; os épicos "pela imaginação movimento, vida e brilho", os lyricos, porque transmitem-nos "o calor, a seiva, a impetuosidade dos sonhadores meridionaes".

Mas surge-se contra o valor tão apreçado e decantado do politico e do orador parlamentar. Não procede, porém, a restricção de critico, por destituida de razões. A divergencia do critico em relação as idéas politicas manifestadas pelo orador, não constitue motivo sufficiente, nem mesmo plausivel para condemnar o merecimento do politico nem as qualidades da sua eloquencia de tribuno.

Sylvio Romero condescende em admitir que José Bonifacio fosse poeta de valor, porque não era, então, julgado com elevação de vista. Mas, como orador parlamentar e politico, era tido como "mytho" (sic) e, por conseguinte, urgia que fosse elle derrubado do pedestal, destituído da fama. E, para isso, o critico focallizou o discurso proferido em 1879, quando se discutiu a reforma constitucional, afim de nella se encartar o systema de eleição directa.

No afã de destruir o idolo julgado por Souza Dantas, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Joaquim Serra, o critico demolidor não trepidou em escrever: "Por certo não se está mais na época em que qualquer homem verboso, tendo á mão algumas dezenas de phrases sonantes e de interjeições enthusias-ticas, podia conquistar os fóros de grande orador." (1)

Increpa o politico, por ser o ultimo representante do doutrinarismo andradico, por ser um doutrinista romantico á guisa de Benjamin Constant, de ser apologistas da soberania popular e partidario da eleição directa, de commungar as idéas de Gutzot e apresentar vacuidades metaphysicas e remata a sua furia iconoclastica, attribuindo o atrazo de José Bonifacio ao

Neste paiz a anarchia do pensamento vae lavrando, ao lado da fraqueza do elemento popular; a fé mingua na proporção que a força cresce, mas quem acredita que o homem e a sociedade possam viver sem fé? Quem se recordará das afirmações, tantas vezes lidas, de que para ter uma familia, uma sociedade, uma patria, é preciso antes de tudo possuir uma crença viva, cuja origem está na consciencia individual ou social? Quero neste momento recordar-las, repetindo aheias idéas, mas cunhadas pela verdade da theoria e pela verdade dos factos.

Para formar uma familia, illuminada pela alegria e pela calma, é preciso uma fé conjugal, assentada sobre a dignidade mutua e revelando-se pela comunidade de fealdade da religião e da justiça. Para formar uma sociedade, para dar aos interesses das pessoas e das familias a segurança que é a sua primeira necessidade, sem a qual o trabalho é captivo, a troca dos productos - estellionato, e a riqueza - emboscada do privilegio, é preciso uma fé juridica que, elevando as almas acima dos appetites egoistas as torne mais felizes servas do respeito e do direito de outrem que de sua propria fortuna. Para formar um Estado, para conferir ao poder adheção e a estabilidade, é preciso uma fé politica, sem a qual os cidadãos entregues ás puras attracções do individualismo, nada mais seriam do que um agregado de existencias incoherentes e repulsivas, que dispersará como poeira ao primeiro sopro. Sem a fé a virtude não pôde ser galardoadá, o merito reconhecido, e a justiça dominar todos os poderes, até a propria magistratura.

Entre nós a fé se entibia; a sociedade descre e o homem duvida; porque a autoridade tem sido mais força do que idéa, mais licença do que ordem, mais interesse do que lei. (Discurso em 16 de abril de 1879, na Camara dos Deputados). Anthologia Brasileira - José Bonifacio (o moço).

facto de ignorar os trabalhos sociologicos, de Spencer, e os juridicos de Gneist. No entanto, o tribuno demonstrou o conhecimento da obra de Stuart-Mill, da legislação ingleza e allemã. Os "Principios de Sociologia", de Herbert Spencer foram publicados justamente no anno de 1879; e, das obras de Gneist, applicaveis ao caso vertente, duas são anteriores e uma posterior a 1879. Mas as tres versam sobre direito constitucional inglez, que José Bonifacio conhecia perfeitamente.

O notavel politico brasileiro só merece elogios da critica e foi julgado pelos contemporaneos como um dos melhores oradores do Brasil e como um dos mais consideraveis politicos do segundo imperio. "A mais nobre, a mais pura, a mais alta individualidade politica do nosso paiz", afirmou Nabuco, quando se refere á "eloquencia incomparavel do orador." (2)

Do mesmo modo se externam Souza Dantas e Ruy Barbosa, quando fazem allusão ao "prestigio desse privilegiado talento e dessa eloquencia inextinguivel que, em vida, o tornaram o mais denodado paladino de todas as grandes causas liberas agitadas em seu tempo." (3) E com maiores elogios se manifesta o segundo: "Os menores discursos seus deixavam no parlamento vivos sulcos. Quem não se tiver achado, uma vez sequer sob a varinha do magico não poderá calcular a força electrizadora de sua palavra. Impressas, as suas melhores produções oratorias distinguem-se e esmorecem como diamantes em camara escura; falta-lhes o homem, o orador, a refração prismatica daquelle alma, uma especie de transfiguração, que petrificava os antagonistas, e arrebata o auditorio a alturas desconhecidas." (4)

"Quando aquella cabeça apparecia na tribuna do parlamento, como um globo de luz, aquella alma afinada, no mais puro patriotismo desdobra-se com a transparencia de uma aurora. Ninguém teve entre nós tamanha magia na eloquencia, e nunca o astro da eloquencia chegou-se áquella culminação... Mas o que sobretudo o tornava invencivel era a fortaleza de sua vontade, a fina tempera do seu caracter, e immaculada lisura daquelle existencia. Era em sua maxima evidencia, a oratoria triumphante pela probidade do orador." (5)

As causas por elle defendidas no parlamento definem e comprovam o seu espirito eminentemente liberal. Entre todas salientou-se o seu pronunciamento pela abolição da escravatura, que devia ser ampla e immediata. Em materia de liberdade externou-se favoravel ao livre cambio e á franquia da navegação de cabotagem.

Era severo na analyse e discussão dos orçamentos, bem como na concessão de creditos. Manifestou-se contrario á protecção systematica de industrias nacionaes, que não merecem o amparo das tarifas aduaneiras. Bateu-se pela representação das minorias, pela verdade eleitoral, e contra o arbitrio e a violencia das autoridades militares e policiaes. Interpretou as funções do poder moderador e estudou a conveniencia da reforma do regime tariffario em vigor.

A sua carreira politica inclinou-se em 1860, quando foi eleito deputado provincial. No anno immediato representou a provincia de São Paulo na Assemblia Geral, na 11.a legislatura, sendo reeleito nas 12.a e 13.a legislaturas. Voltou á Camara na 17.a legislatura, mas interrompeu o mandato, por haver sido escolhido como senador em 1879.

Foi ministro da Marinha do gabinete Zacharias, em 1862; ministro do imperio no 19.o gabinete de 15-1-1864; recusou o convite do imperador, para ser o presidente do conselho em 1883, indicando Souza Dantas que tambem não aceitou, sendo confiada a organização do gabinete a Lafayette Rodrigues Pereira.

Nascido em Bordoaux, veio para o Brasil em 1829, com menos de dois annos de idade. Matricou-se na Escola Militar em 1842, mas interrompeu o curso em 1845, por motivo de saúde. Proseguiu os estudos na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou em 1853.

No anno de 1854, foi nomeado lente substituto da Faculdade de Direito de Recife, sendo transferido para a de São Paulo, de que foi cathedraico até a jubilação. Distinguia-se o professor pela erudição, pelo primor das suas prelecções e pela memoria prodigiosa. Dissertava tão bem sobre a retroactividade das leis, como sobre o exame comparado dos codigos modernos. Era tão proficiente no ensino da jurisprudencia romana, como na interpretação historica do direito nativo. Era pro-

José de Freitas Guimarães - nasceu na cidade de Caldas (Minas Geraes), a 7 de outubro de 1873, e veio para S. Paulo, com a familia, aos 6 annos de idade, indo residir em Campinas. É filho de João de Freitas Guimarães e d. Francisca Sanches de Lemos Guimarães, já fallecidos. Fez os estudos de primeiras letras no Collegio Ghirlândia e no Seminario Episcopal, ambos de Campinas. O curso de humanidades foi feito no Collegio Culto á Sciencia, da mesma cidade.

Dedicou-se á carreira do commercio durante a adolescencia, e continuou a exercer a mesma profissão em Santos, de 1892 a 1895. A noite, nas horas de folga, dedicava-se ao estudo, preparando-se para o curso juridico.

Recebeu, na Faculdade de Direito de São Paulo, o diploma de bacharel em sciencias juridicas, em 1896, e o de advogado, em 1898.

Em maio de 1895 foi nomeado promotor publico da Capital, e nesse cargo serviu até 1904, quando recebeu a nomeação de sub-procurador geral do Estado, em cujo exercicio se manteve, até setembro de 1913, quando se exonerou, para ir advogar em Santos, depois de 17 annos de exercicio effectivo no Ministerio Publico. Reside, actualmente, naquella cidade maritima.

É poeta, orador e literato.

Collaborou na "Gazeta Juridica", de S. Paulo, na "Gazeta" e "Comercio", de Campinas, ao tempo de Carlos Ferreira e Alberto Faria (dois membros da Academia Paulista de Letras); na "A Tribuna" e "Diario de Santos"; na "Semana", de Valentin Magalhães, no Rio.

Escreveu: duas dissertações juridicas, sobre "A Intervenção em Direito Internacional" e o "Realismo

Postivista no Direito Publico"; varios livros de versos - Estrophes (1899), Musa Nova (1903), Foga das Horas, Aindal... e Trechos do Chatterer (1910).

Proferiu varias conferencias, sobre "São Luiz Gonzaga", "D. João Bosco", "Domingos Savio", "Olavo Bilac" (1919) e a "Fé, a Esperança, a Caridade e o Centenario da Appareida".

Pronunciou, tambem, muitos discursos de paranympo, no Gymnasio Diocesano, Lyceu Salesiano, Conservatorio Dramatico e Musical (os tres de S. Paulo), no Gymnasio Santista e na Sociedade Santo Agostinho, de Campinas.

No exercicio da profissão tem escripto memorias, arrazoadas, com a Acção residencia (mananciaes dos Fios), em collaboração com Theodoro de Carvalho (1910).

Fez multissimas accusações no tribunal do jury e proferiu outros discursos de caracter litterario, taes como: "Discurso como orador dos bacharelados" (1895), "Conferencia sobre 14 de Julho" (Santos, 1902), "Discurso na inauguração do estatus de Brás Cubas", em Santos.

Na sessão inaugural da nossa Academia proferiu a Ode, que se encontra no livro - Academia Paulista de Letras (1909).

Usou dos pseudonymos Alves Moreno, Modesto Trigueiro, Frei Guimarães... Foi agraciado por S. Santidade do Papa Pio X, com a commenda da ordem de S. Gregorio Magno e a Cruz Pro Ecclesia et Pontifice. É socio effectivo do Instituto Araldico de Roma e correspondente da Academia Almeida Garrett, de Lisboa. Da nossa, assim se exprime: "Dentre as graças e subidas honras que Deus me deu, certo não será a menor a de pertencer á Academia Paulista de Letras".

"ESTROPHES"

XIX

Corações de Mulher

(A. A. S. de Azevedo Junior)

De um medico (jámais d'isto me esqueço) Eu sei que corações de moça, quando Peitos abria no hospital, roubando, Guardava-os como jóias de alto preço.

Tão alegre ficava, ao vér-se diante De tanto coração vermelho e mudo, Que abandonava qualquer outro estudo, Por estudar qual fóra o mais constante.

Deps de sujeitar, porém, centenas Dos mortos corações á lel severa, (A mesma lenda conta) interrompera O estudo, por achar fiel apenas

Um só, entre os que vira e examinara... E que, tal magua acerba a sua vida Transformando, apagou-se-lhe, vencida, A chamma que a existencia lhe animara!

Como esse medico, eu, talvez, um dia, Por algum coração seja levado A acreditar que os sexo idolatrado E' mais fragil no amor que na agonia...

E' vivendo a pensar em quem accende No meu recondito alma a luz radiante, Pergunto-me: será sempre constante?... - Corações de mulher, quem vos entende?...

JOSE DE FREITAS GUIMARAES

SONETO

Da Camoneana - "Estrophes"

Razão demais tinha eu, quando dizia, Falando em tua fragil esquivança, Que ella me prenunciava esta esperança De ser por ti, quanto amo, amado um dia!

Realizou-se a minha prophécia, Confirmou-se o proverbio: "sempre alcança Quem espera, confiante, e não se cansa. Em convencer quem não se convencia!"

- Juntos podemos, pois, a alta montanha Subir, que leva ao pino magestoso, Onde a ventura os novios acompanha!

Abri-vos, rosas orchestrae-vos ninhos! Que vae passar, triumphante, o mais ditoso Par que ainda surgiu pelos caminhos!

JOSE DE FREITAS GUIMARAES

vetto na explanação da philosophia juridica. A sua cultura era variada e profunda. Fazia parte do conselho do Imperador e aceitou a commenda da ordem de Christo, mas rejeitou muitas outras honrarias. A sua memoria foi perpetuada em bronze na estatura erguida no largo de São Francisco, quasi em frente ao edificio da Faculdade de São Paulo. O seu justo renome fixou-se eternamente no Brasil. SUMMARIO PARA O ESTUDO COMPLETO Brasileiro nascido fóra da patria - As bases da sua educação - Na Escola Militar - O estudante de direito - Figura de realce no magisterio juridico - O deputado provincial - Em varias legislaturas da Assemblia Geral - A prodigiosa eloquencia do tribuno - Analyse dos "Discursos parlamentares" - O politico de idéas liberas - As primeiras tendencias do poeta - Caracter do lyrismo - Vigor do estylo descriptivo - O surto épico - Os processos estheticos - Natureza da inspiração do poeta - A erudição do professor - A intellectualidade do politico - Julgado pela critica - Homensagens e renome. (Do 3.o volume dos Vultos e livros) a publicar). (1) - Sylvio Romero - "Historia da Literatura Brasileira", vol. II pag. 260. (2) - Afranio Peixoto e Constanção Alves - "Anthologia Brasileira" - José Bonifacio (o velho e o moço) - 1920, pag. 189. (3) - Souza Dantas - Discurso proferido na sessão civica em homenagem a José Bonifacio no theatro S. José, em São Paulo, a 8-12-1883. (4) - Vid. Ruy Barbosa - Discurso na mesma sessão civica. (5) - Joaquim Serra - "O Paiz" - 29-10-1896.

UM PE

Adorem outros palpitando seios, Seios de neve pura; De angelico sorrir meiga fragrança; Ou sobre o collo de nevada garça, Cahindo a medo, em ondas aloiradas, Bastos aneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato Na alvura do alabastro, A voz suave, o pallido reflexo Da luz do céu em face de criança; Ou sobre altar erguido á formosura Na fronte eburnea a morbida brancura.

Adorem outros de um aroso porte Revelados contornos, A majestade da belleza álvia Desdenhoso passo, o gesto ousado, A descuidosa mão, que a trança alisa Na tripode infernal a pithonisa.

Não, não quero painéis de tal encanto, Tenho gostos humildes, Amo espeltrar a negligente perna, Que mal se esconde nas rendadas saias Ou ver subindo o palamar da escada Sem azas, a voar, um pé de fada!

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa, De tez folha de rosa, Leve, esgulo, pequeno, carinhoso, Apertado, a gemer, num sapatinho; Um pé de matar gente e pisar flores, Namorado da lua e pae de amores!

Um pé, como eu já vi, subindo a escada Da casa de um doutor; Da moçoila gentil, erguida, a sala Deixou-me ver a delicada perna... Padres, não me negueis, se estais em calma, Um coração no pé, na perna um'alma.

Um pé, como eu já vi, junto a oromana, Em fervido festim, Tremendo de valsar, enverganhado Sob a meia subtil e a cor do pejo Deixando flutuar na vela azul, Requebro, amor, feitiço - um pé tafull!

Poeta do amor e da saudade, Depois de morto peço, Em vez de cruz, sobre a funerea pedra, A forma do seu pé; foi o meu culto... Quero sonhar o resto, enquanto a lua, Chorosa e triste, pelo céu fluctua...

..JOSE BONIFACIO (o moço)